

ESPAÇO PROJETO



MUSEU  
CALOUSTE GULBENKIAN

PROJECT SPACE

**AIMÉE ZITO LEMA**  
**13 SHOTS**

**Museu Calouste Gulbenkian**  
**Espaço Projeto**  
**29 de junho a 24 de setembro de 2018**

Calouste Gulbenkian Museum  
Project Space  
29 June to 24 September 2018

**EXPOSIÇÃO** EXHIBITION

**curadoria** curators  
Ana Cachola  
Daniela Agostinho  
Luísa Santos

**apoio à curadoria** curatorial assistance  
Rita Silveira Machado

**coordenação técnica** technical coordination  
Mariano Piçarra

**registrar**  
Miguel Fumega  
Rita Andrade

**equipa de montagem** construction crew  
Carlos Gonçalves  
Inês Pereira  
José António Oliveira  
Rui Nunes

**projeto gráfico** graphic project  
Dayana Lucas

**instalação gráfica** graphic installation  
Logotexto

**luminotecnia** lighting  
Manuel Mileu

**transportes** transportation  
Paulo Gregório

**Serviço de Marketing e Transformação Digital da Fundação Calouste Gulbenkian**  
Marketing and Digital Transformation Department of the Calouste Gulbenkian Foundation  
Nuno Prego  
Susana Prudêncio

**Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian**  
Communication Department of the Calouste Gulbenkian Foundation  
Elisabete Caramelo  
Leonor Vaz

**Serviços Centrais da Fundação Calouste Gulbenkian**  
Central Services Department of the Calouste Gulbenkian Foundation

**coordenação Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa**  
coordination Theatre of the Oppressed Group of Lisbon  
Anabela Rodrigues

**Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa**  
Theatre of the Oppressed Group of Lisbon  
Beatriz Pereira Teixeira, Bruna Diana Vaz Fortes, Edgar Veiga Gomes, German Quinalau, Gesica Quinalau, Inês Veiga Pereira, Jessica Nascimento Gomes Varela, Lilliana Nascimento Santos, Rosa Maria Lopes

**imagens de arquivo** archive images  
ACARTE

**imagens das células** cell images  
Cortesia de | Courtesy of Lars E. T. Jansen (Instituto Gulbenkian de Ciência)

**texto da locução** voice-over text  
José Maria Vieira Mendes

**locução (voz)** voice-over (voice)  
Rosa Maria Lopes

**sons vocais** vocals  
Alunos do Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre

**câmara** camera  
Manuel Pinho Braga, Behnam Bornak e | and Aimée Zito Lema

**captação de som** sound recording  
Tito Pires

**gravação da locução** recording of the voice-over  
Filipe Otero Pureza

**fotografia** photography  
Behnam Bornak

**edição** editing  
Aimée Zito Lema

**correção de cor** vídeo colour correction  
Manuel Pinho Braga

**impressão serigrafias** silkscreen printing  
Marta Teixeira da Silva

**manipulação digital imagens** images digital manipulation  
Aimée Zito Lema

**impressão digital fotografias** digital printing photographs  
GAMUT

**apoio à produção** production assistance (UCP)  
Ana Fabíola Maurício

**Exposição no contexto do projeto de cooperação europeia cofinanciado pelo programa Cultura da Europa Criativa da União Europeia 4Cs - From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture** | Exhibition in the context of the European cooperation project 4Cs - From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture, co-financed by the Creative Europe programme of the European Union

**agradecimentos** acknowledgments  
Universidade Católica Portuguesa, Isabel Capeloa Gil, Museu Calouste Gulbenkian, Rua das Gaivotas 6, Cristina Correia, Pedro Penim, Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, António Sousa Ribeiro, Lars E. T. Jensen, Miguel Coutinho

ESPAÇO PROJETO



MUSEU  
CALOUSTE GULBENKIAN

PROJECT SPACE

AIMÉE ZITO  
LEMA

13 SHOTS



CATOLICA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

LISBOA



13 Shots, 2018, fotografia digital de imagens sobrepostas do arquivo do Serviço ACARTE, impressão sobre papel  
| digital photograph of layered images from the ACARTE archive, print on paper

## CORPO-ARQUIVO

Ana Cristina Cachola

Daniela Agostinho

Luísa Santos

A constelação entre memória, corpo e arquivo tem vindo a constituir o território de experimentação de Aimée Zito Lema. Recorrendo ao arquivo de forma direta ou indireta, apelando a uma recordação que é sempre esquecimento ou reinscrevendo uma visualidade anterior no regime sensível contemporâneo, a artista discute imagens e eventos, assim como a sua genealogia, na economia do visível e do invisível. Esta reflexão sobre as imagens é sempre acompanhada por uma expansão do campo da memória para além do visual e do arquivístico, através da qual a dimensão corporal e a espessura matéria da experiência histórica assumem novas formas.

O título do projeto artístico de Aimée Zito Lema - *13 Shots* - é inspirado pelo conto «Mineirinho», de Clarice Lispector, que versa sobre um acontecimento que chocou a opinião pública brasileira em 1962: ignorando quaisquer regras legais, humanas e éticas, forças policiais executaram um assassino, Mineirinho, com 13 tiros. O título da exposição foi escolhido muito antes do recente caso de violência policial no Brasil, que em março de 2018 tirou a vida à vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, socióloga feminista, negra e lésbica, crítica da atuação policial e militante dos direitos humanos. A memória recente deste caso de absoluta violência necropolítica assombra o título da exposição, que a artista tomou emprestado a Lispector para pensar sobre as imagens como dispositivos de violência. A dualidade semântica da palavra *shot*, que tanto pode significar tiro como plano de imagem, inspirou a montagem da vídeo-instalação, composta precisamente por 13 planos, ao longo dos quais se ensaia uma proximidade com a experiência filmada, proximidade essa que é sempre negociada e diferida, pois é necessariamente mediada pelo plano da representação.

Ao explorar esta dualidade semântica, Aimée Zito Lema reflete sobre a violência muitas vezes contida nas imagens e obliterada por elas, bem como sobre a necessidade de aprofundar, complementar e subverter o plano da visualidade através da memória dos corpos, dos gestos, e das vozes. Afinal, as imagens exercem violência quer

## BODY-ARCHIVE

The constellation of memory, body and archive has long been at the core of Aimée Zito Lema's territory of experimentation. Drawing both directly and indirectly on archives, the artist reflects on images, events and their genealogy within economies of the visible and the invisible, invoking recollections that are always percolated by acts of forgetting, or the reinscription of an earlier visuality into the contemporary realm of the sensible. This reflection upon images is always reinforced by expanding the field of memory beyond the visual and the archival, thus giving new forms to the bodily and material substance of historical experience.

The title of Aimée Zito Lema's project - *13 Shots* - is inspired by Clarice Lispector's short story 'Mineirinho', which deals with an event that shocked Brazilian public opinion in 1962 when, with complete disregard for any laws, human rights or ethics, the police executed a murderer, Mineirinho, by firing 13 shots at him. The title of the exhibition was chosen long before the recent case of violence by Brazilian police, who, in March 2018, killed Rio de Janeiro's city councilor Marielle Franco - a black, lesbian, feminist sociologist and human rights activist who was critical of police action. The recent memory of this case of necropolitical violence haunts the exhibition title, which the artist borrowed from Lispector in order to conceive images as devices of violence. The semantic duality of the word *shot*, which can refer to both the firing of a gun and to the visual capturing of an image, inspired the editing of the video installation, which consists of precisely 13 shots. Throughout these shots, the video attempts to reach closer to the filmed experience, yet this proximity is always negotiated and deferred, mediated as it is through the conditions of its representation.

In exploring this semantic duality, Zito Lema reflects on the violence that is often contained in and obliterated by images, as well as on the

através do que representam, quer através do que ocultam. Por um lado, é (também) através das imagens que determinados corpos são considerados humanos e merecedores de proteção, ao passo que outros são considerados supérfluos, dispensáveis e sujeitos à violência e à invisibilidade, como sugerem Judith Butler e Alexander G. Weheliye<sup>1</sup>. Por outro lado, por via da sua própria fenomenologia (inevitavelmente incapaz de veicular a corporeidade da vida, a não ser por via da evocação ou da ausência), as imagens muitas vezes confinam a experiência material e a dimensão sensorial dos corpos, isto é, a experiência que ultrapassa o sentido da visão (seja ela tátil, auditiva, olfativa ou gustativa), mas também experiências que se manifestam a níveis moleculares, genéticos, ou mesmo elementares.

Esta reflexão sobre o trabalho das imagens e a forma como elas possibilitam e ao mesmo tempo constroem a transmissão da memória e da violência subjaz ao projeto artístico de Aimée Zito Lema. Iniciado com um período de residência na Rua das Gaivotas 6, em Lisboa, este projeto investiga as camadas que compõem a estrutura da memória através de dois enfoques diferentes que aqui surgem interligados: os processos vernaculares através dos quais a memória do 25 de Abril de 1974 é mediada e transmitida ao longo das gerações, em particular a memória oral; e o modo como interagimos com imagens do passado através do corpo e da fabulação narrativa.

O processo de Aimée Zito Lema é frequentemente performativo, não necessariamente no sentido de *performance* enquanto meio ou género artístico, mas sim como metodologia que convoca o envolvimento físico, gestual e vocal de diferentes sujeitos sob a forma de uma experimentação coletiva em torno de uma questão ou objeto. Durante o período de residência em Lisboa, a artista trabalhou com dois grupos de teatro da área metropolitana de Lisboa – o Grupo de Teatro da Escola Secundária D. Filipa de Lencastre e o Grupo de Teatro do Oprimido (GTO) –, com os quais explorou diferentes modos de transmissão de memória através da imagem, da narrativa e do corpo.

Na colaboração com o GTO, os dois enfoques de experimentação – a transmissão intergeracional da memória do 25 de Abril e o modo como nos relacionamos afetivamente com imagens do passado – cruzaram-se através de exercícios cocriados pela artista e pelo grupo. Durante o período de residência, Aimée Zito Lema desenvolveu uma investigação nos arquivos do ACARTE – antigo Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (1984-2002) –, um departamento responsável por conceptualizar e organizar a programação cultural e artística nos espaços não expositivos do Museu Calouste

need to expand, complement and subvert the visual field through the memory of bodies, gestures and voices. After all, images enact violence, both through what they represent and through what they conceal: images are one way through which certain bodies are deemed human and deserving of protection, while others are rendered superfluous, disposable and thus subject to violence and invisibility, as suggested by Judith Butler and Alexander G. Weheliye.<sup>1</sup> On the other hand, by virtue of their phenomenology (inevitably incapable of conveying the corporeality of life, other than through evocation or absence), images often curtail the material and sensory dimension of bodies, limiting experiences beyond the visual sense (whether tactile, auditory, olfactory or gustatory), as well as limiting those experiences that manifest themselves at molecular, genetic or even elemental levels.

This reflection on the work of images and the way they both enable and constrain the transmission of memory and violence underlies Aimée Zito Lema's artistic project. Initiated during a residency at Rua das Gaivotas 6 in Lisbon, the project investigates the layers that make up the structure of memory through two different focus points brought together by this exhibition: the vernacular processes through which the memory of the Carnation Revolution is mediated and transmitted from generation to generation, particularly through the oral transmission of memory; and the way in which we interact with images of the past through the body and narrative fabulation.

Aimée Zito Lema's process is often performative, though not necessarily in the sense of an artistic medium or genre, but rather as a methodology that draws on the physical, gestural and vocal involvement of different individuals in the form of a collective exploration of a theme or object. During her residency in Lisbon, the artist worked with two local theatre groups – the theatre group from D. Filipa de Lencastre secondary school and the Theatre of the Oppressed Group (GTO) – with whom she explored different ways in which memory is transmitted through images, narratives and the body.

In her collaboration with GTO, the two focus points of experimentation – the intergenerational transmission of the memory of the Carnation Revolution, and the way in which we affectively engage with images of the past – came together through exercises co-created by the artist and the group. During her residency, Aimée Zito Lema carried out an investigation into the archives of



13 Shots, 2018, serigrafia sobre papel (a partir de imagens do arquivo do Serviço ACARTE) | silkscreen print on paper (produced from images of the ACARTE archive)

Gulbenkian. Interpelada por imagens de espetáculos que tiveram lugar na Sala Polivalente do Museu ao longo de duas décadas, Aimée Zito Lema fotografou as fotografias dos arquivos do ACARTE, imprimindo-as em grande formato. No *workshop* com o GTO, que decorreu na Sala Polivalente, precisamente onde tiveram lugar os espetáculos arquivados, os participantes foram incitados a descrever o conteúdo das imagens, a fazer-lhes perguntas, a ensaiar respostas e a imaginar situações, pessoas e espaços retratados nas fotografias ampliadas, dispostas pela sala. A partir destas impressões fotográficas, e através de um exercício coletivo de fabulação, o grupo forjou histórias que, especulativamente, preenchem os hiatos narrativos inerentes às imagens fotográficas. Esta exploração das memórias contidas em potência no arquivo fotográfico culminou com os adolescentes do grupo a vestirem

ACARTE, the Calouste Gulbenkian Foundation's former art education programme (1984-2002), a department responsible for designing and organising cultural and artistic programmes within the non-exhibition spaces of the Calouste Gulbenkian Museum. During these two decades, ACARTE was responsible for showcasing the most groundbreaking and state of the art performances of the time, building up a canon of artistic creation that continues to demand respect to this day. In response to images of performances that took place in the Museum's Multipurpose Room over those two decades, Aimée Zito Lema photographed the photographs in the ACARTE archives, printing them out in large formats. In her workshop with GTO, which took place in the Multipurpose Room – the very same place where the archived performances took place – participants were encouraged to describe the content of the images, to ask questions, formulate answers and imagine the situations, people and spaces portrayed in the enlarged photographs distributed around the room. Through these photographic prints, and through a collective exercise in fabulation, the group invented stories that speculatively filled in the gaps inherent to photographic images – and to any canon. This exploration of the latent potential held within the photographic archive culminated in the teenage members of the group physically crafting and wearing costumes made from those images. In so doing, they incorporated the memories of others – memories which were strange and distant to them – but also inserted themselves into the memory of this canonical space. Through this narrative and corporeal intervention upon images, another relationship with the archive was thus imagined, one based on the possibility of physical incorporation of memory and on the body itself becoming archive: one that moves, speaks, touches and feels, yet which also, through its embodiment, becomes conscious of its textuality, of its layers and gaps, of the traces of its actions in the world and of the actions of the world upon it in turn.

This workshop – and its photographic and filmic recording – is the primary visual material presented in *13 Shots*. Through the video installation composed of three channels that both complement and overlap each other in a process that reveals as much as it conceals, as well as through the photographs of various formats that populate the space, the performance captured in photography and film points towards the performativity of the archive-memory-body constellation. It could

as impressões das imagens, num exercício de incorporação das memórias dos outros, memórias essas que lhes eram estranhas e distantes. Através desta intervenção narrativa e corporal sobre as imagens, ensaiou-se uma outra relação com o arquivo, que se ancora na possibilidade de incorporar memórias ou de o corpo devir, ele próprio, um arquivo. Um arquivo que se move, que fala, que toca e sente, mas também um arquivo que, através da incorporação, se torna consciente da sua texturalidade, das suas camadas e hiatos, dos traços da sua ação no mundo e da ação do mundo sobre ele.

Este *workshop* – o seu registo fílmico e fotográfico – constitui a principal matéria visual apresentada em *13 Shots*. Seja na vídeo-instalação de três canais que se complementam (e principalmente se sobrepõem num processo que revela tanto quanto esconde) ou nas fotografias que se insinuem no espaço em formatos distintos, a *performance* fotografada e filmada revela a performatividade da constelação arquivo-memória-corpo. Poder-se-á dizer que Aimée Zito Lema partilha com outros artistas contemporâneos o fascínio pelas imagens de arquivo, que Hal Foster cunhou e celebrou como «impulso arquivístico»<sup>2</sup>, usando-as como ponto de partida para a sua prática, na qual os arquivos funcionam como uma espécie de correlato tecnológico da memória<sup>3</sup>. Agir sobre o arquivo ou sobre a memória – e recorde-se aqui que o registo ou a manipulação visual e plástica podem constituir uma ação violenta – produz uma alteração das suas condições ontológicas. Na prática de Aimée Zito Lema, a ontologia do arquivo é justaposta com a ontologia da *performance*, dois modos de atuação tidos como inconciliáveis, conforme sugeriu Peggy Phelan: se o arquivo regista, documenta e preserva, a *performance* só existe enquanto ato destinado a desaparecer<sup>4</sup>. Esta incompatibilidade ontológica é posta à prova por Aimée Zito Lema, em cuja prática o arquivo tanto inscreve como apaga e se metamorfoseia, ao passo que o corpo recupera, lembra e deixa traço. Corpo e arquivo surgem sempre ontologicamente refigurados neste encontro, em que a materialidade do arquivo é decomposta e recomposta, originando novos traços de memória ou dando a ver os seus hiatos e omissões. Ao mesmo tempo, na sua interação com o arquivo, o corpo surge como repositório mnemónico, onde recordações se alojam por via sensível e afetiva. Embora escapem ao registo documental convencionado pelo arquivo, estas recordações são inscritas somaticamente, tornando-se legíveis através do gesto, da voz, do movimento, do encontro com o outro que, como propõe Rebecca Schneider, sempre constituíram meios de registo histórico<sup>5</sup>. Neste sentido, o trabalho de Aimée Zito Lema, mais do que sintoma de um impulso arquivístico, encontra-se

be said that, not unlike other contemporary artists, Aimée Zito Lema explores that fascination with archival images that Hal Foster coined as the 'archival impulse',<sup>2</sup> resorting to images as a starting point for her practice, in which archives function as a sort of technological correlative of memory.<sup>3</sup> Acting upon archives or memory – and it should be noted that the visual manipulation of the archive can constitute a violent act – necessarily changes their ontological condition. In Aimée Zito Lema's practice, the ontology of the archive is juxtaposed with the ontology of performance, two modes of intervention deemed irreconcilable by Peggy Phelan, amongst others: while the archive records, documents and preserves, performance only exists as an act destined to disappear.<sup>4</sup> This ontological incompatibility is challenged by Aimée Zito Lema, in whose practice the archive inscribes but also erases and disappears, while the body retrieves, remembers and leaves traces. This encounter necessarily reconfigures the ontology of the body and the archive by disassembling and reassembling the materiality of the archive and giving rise to new traces of memory, or revealing its hiatuses and omissions.

At the same time, in its interaction with the archive, the body becomes a mnemonic repository, where recollections are lodged through sensory and affective registers. While these recollections escape the conventional documentary registration of the archive, they are somatically inscribed, becoming legible through gesture, voice, movement and the encounter with the other, modes which, as Rebecca Schneider proposes, have always been used for the recording of history.<sup>5</sup> In this sense, more than a symptom of an archival impulse, Aimée Zito Lema's work is aligned with a critical impulse to reinvent the archive, to retrieve it from its patrilineal ontology in order to rethink it through its generative possibilities, its unfinished potential and its affective materialisations. It is thus a body-archive that is materialised in Zito Lema's practice, one that unsettles and reinvents both the ontology of the archive and of the performative body. As such, her work never succumbs to 'archive fever', which Carolyn Steedman, drawing on Derrida, describes as the (at times frustrated) experience of the historian consumed by the desire for discovery among archival records and omissions.<sup>6</sup> To the contrary, Aimée Zito Lema embraces and explores the ontological limits of the archive, making it the material for experimentation acted on by the body. Zito Lema's encounter with the archive is thus never



*13 Shots*, 2018, serigrafia sobre papel (a partir de imagens do arquivo do Serviço ACARTE) | silkscreen print on paper (produced from images of the ACARTE archive)

alinhado com uma reinvenção crítica do arquivo que o recupera da sua ontologia patrilinear para o repensar através das suas possibilidades geradoras, do seu potencial inacabado, das suas materializações afetivas. O que se materializa na obra da artista é pois um corpo-arquivo que desestabiliza e reinventa a ontologia quer do arquivo, quer do corpo performático. Deste modo, a prática de Aimée Zito Lema nunca se encontra refém da febre arquivística, como lhe chama Carolyn Steedman a partir de Jacques Derrida, um modo de experiência do arquivo que se deixa consumir pelas operações de registo e omissão que alimentam o desejo de descoberta e simultaneamente a sua frustração<sup>6</sup>. Ao invés, Aimée Zito Lema acolhe e explora os limites ontológicos do arquivo, que devêm matéria de experimentação intervencionada pelo corpo. O encontro da artista com o arquivo nunca se esgota na reprodução da matéria arquivada, sendo antes radicalmente transformador. Através da ação do corpo, o arquivo deixa de ser imóvel (se é que alguma vez o foi), produzindo novos significados que se inscrevem no presente, tornando-se performativo e gerador. Se é certo que o arquivo, enquanto episteme e poder, regula o corpo (ou os corpos, já que esta regulação é sempre diferenciada e desigual), também o corpo pode interferir com e desestabilizar o arquivo, apontando-lhe lacunas, potencialmente preenchendo-as, muitas vezes com «dúvidas, desejos e possibilidades»<sup>7</sup>.

Esta performatividade do arquivo é tornada visível em todo o aparato instalatório da exposição. Por um lado, as estruturas metálicas que suportam os vídeos e que servem de matéria às estruturas apresentadas evocam os dispositivos estruturais das artes performativas – dança, teatro, música, entre outros – e permitem criar palco ou lugares de *performance*. A estas estruturas surgem pontualmente acopladas lâmpadas, que evocam, por um lado, o exercício performático (que para o ser tem de ser visível), e, por outro, a consulta de arquivos aqui entendida como uma espécie de iluminação do passado a partir do presente. Esta iluminação nunca é, porém, concebida enquanto elucidação de um passado que se deixa revelar ou esclarecer, mas sim como momentos fugazes de aproximação a um passado que se deixa entrever por via de camadas, fissuras e intervenções. É neste sentido que as fotografias que se insinuam no espaço da exposição resultam não só da pesquisa arquivística de Aimée Zito Lema no Arquivo Gulbenkian, mas também de ações sobre esse mesmo arquivo, que deixa assim de ser apenas molde, passando a ser moldável.

Convocar, negociar e re-imaginar o passado, nas suas várias manifestações, como forma de produção de um presente política

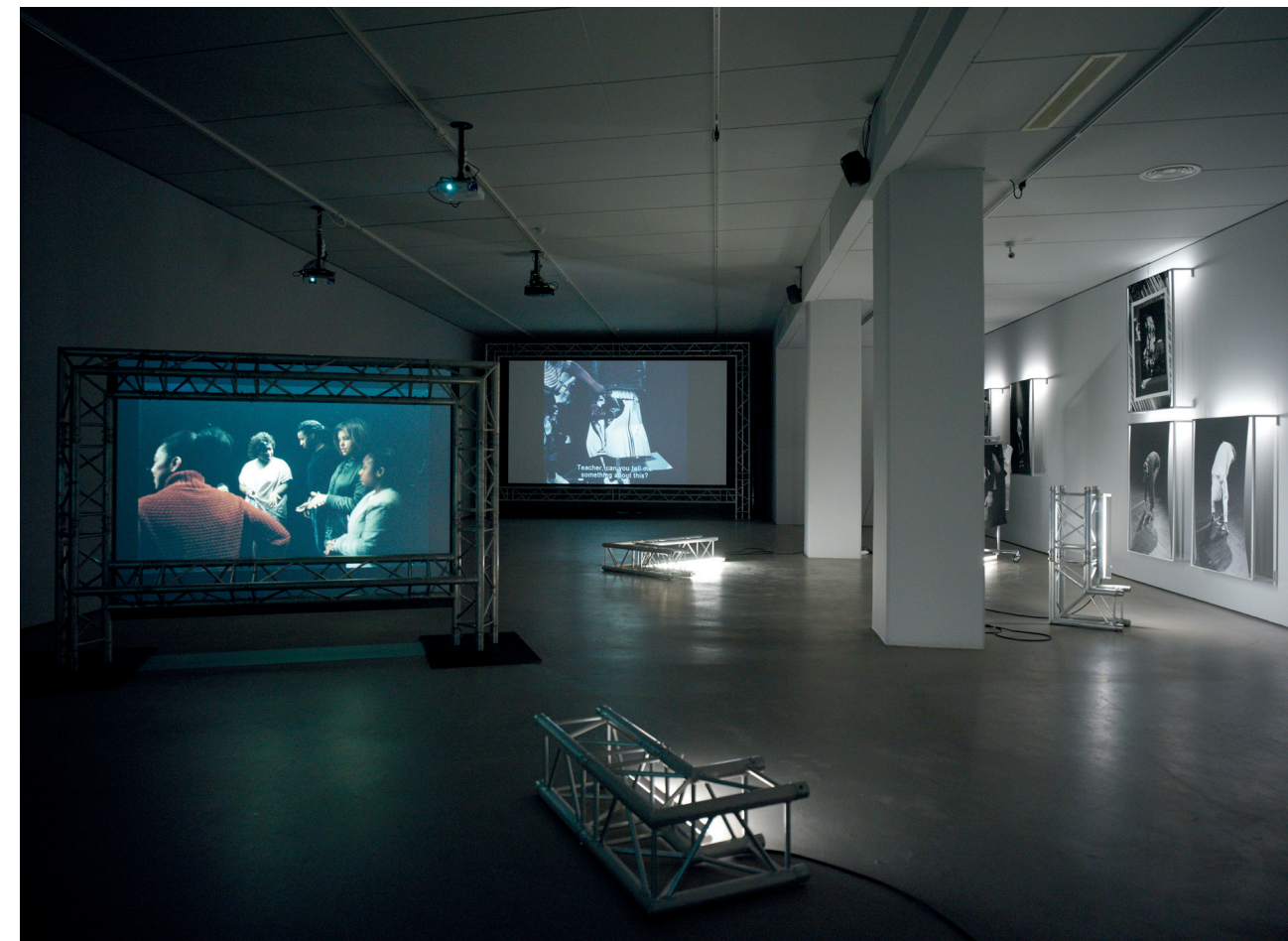
exhausted in the mere reproduction of archival matter, but is rather radically transformative. Through bodily action, the archive ceases to be fixed (if it ever was), spawning new meanings that become inscribed in the present. If it is true that the archive, as episteme and power, regulates the body (or bodies, insofar as this regulation is always differentiated and uneven), the body can also interfere with and unsettle the archive, pointing towards its lacunae, and potentially filling them, often with just 'doubts, desires and possibilities'.<sup>7</sup>

This performativity of the archive is rendered visible in the entire apparatus of the installation. The metallic structures supporting the videos and serving as material for the sculptural works evoke the scaffolding of performing arts such as dance, theatre and music, creating spaces for performance. Lights have been attached to these structures, evoking both the performative act (which necessarily must be visible) and archival research as a sort of illumination of the past through the present. This illumination, however, is never conceived as an elucidation of the past given to clarification and decipherment, but rather as fleeting moments of proximity with a past that is only approachable through layers, fissures and interventions. It is in this sense that the photographs scattered throughout the exhibition space are not just the result of Zito Lema's research in the Gulbenkian Archive, but mostly the result of interventions upon that archive, which ceases to be a mould in order to become something to be shaped.

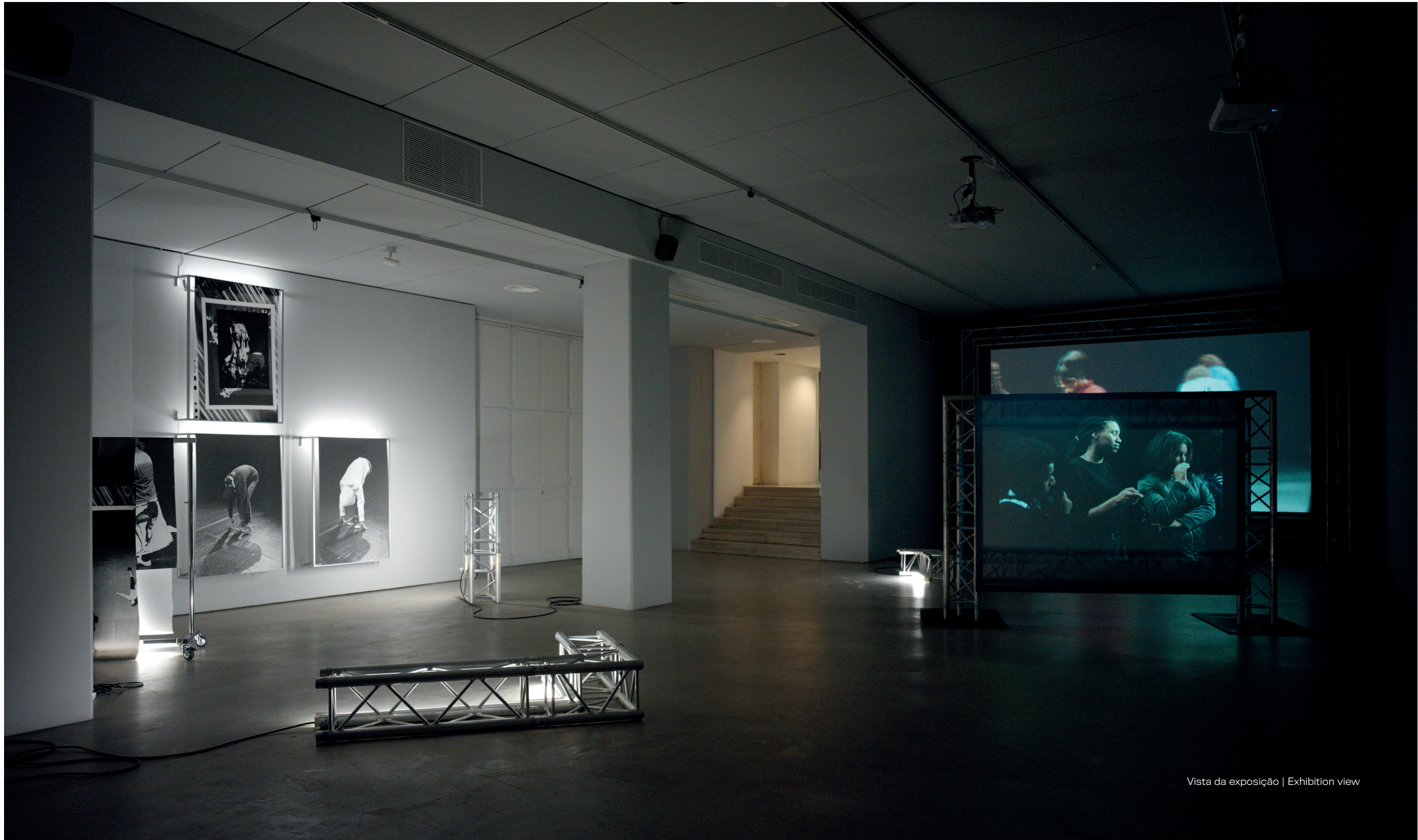
Evoking, negotiating and re-imagining the various manifestations of the past as a way of producing a politically and socially informed present is central to Aimée Zito Lema's practice. This evocation is always accompanied by an expansion of the material that mediates our encounter with the past in the present. Beyond any fever, the archive thus emerges in her critical territory not merely as repository of documents and traces to be appropriated, but first and foremost as an expanded matter composed of bodies, gestures, movement, voices, touch and affect transfigured and remade through aspiration and possibility.

e socialmente informado, constitui a dimensão central na prática de Aimée Zito Lema. Esta convocação do passado passa, também, por um questionamento e expansão da matéria através da qual nos relacionamos com ele no presente. O arquivo surge assim no seu território crítico não apenas como repositório de documentos e traços por apropriar, mas também, e sobretudo, como matéria expandida que é corpo, gesto, movimento, voz, tato, afeto, que se transfigura e refaz em aspiração e possibilidade.

- 1 Judith Butler, *Precarious Life. The Power of Mourning and Violence*. Londres | London: Verso, 2004; Alexander G. Weheliye, *Habeas Viscus. Racializing Assemblages, Biopolitics, and Black Feminist Theories of the Human*. Durham: Duke University Press, 2014.
- 2 Hal Foster, «An Archival Impulse», *October*, 2004, vol. 110, pp. 3-22.
- 3 Sven Spieker, *The Big Archive. Art from Bureaucracy*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008, p. 175.
- 4 Peggy Phelan, *Unmarked. The Politics of Performance*. Londres | London: Routledge, 1993.
- 5 Rebecca Schneider, *Performing Remains. Art and War in Times of Theatrical Reenactment*. Londres | London: Routledge, 2011.
- 6 Carolyn Steedman, *Dust. The Archive and Cultural History*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.
- 7 Saidiya Hartman, «Venus in Two Acts», *small axe*, n.º | no. 26 (vol. 12, n.º | no. 2), 2008, p. 11.



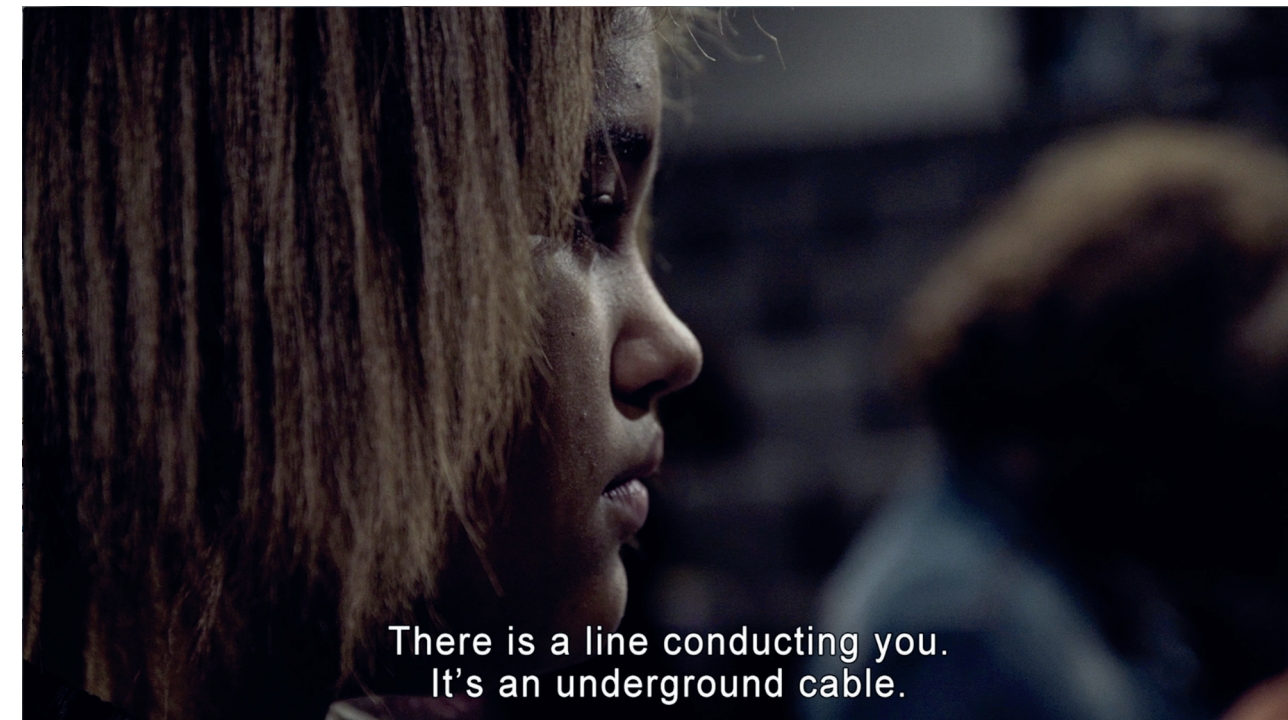
Vista da exposição | Exhibition view



Vista da exposição | Exhibition view



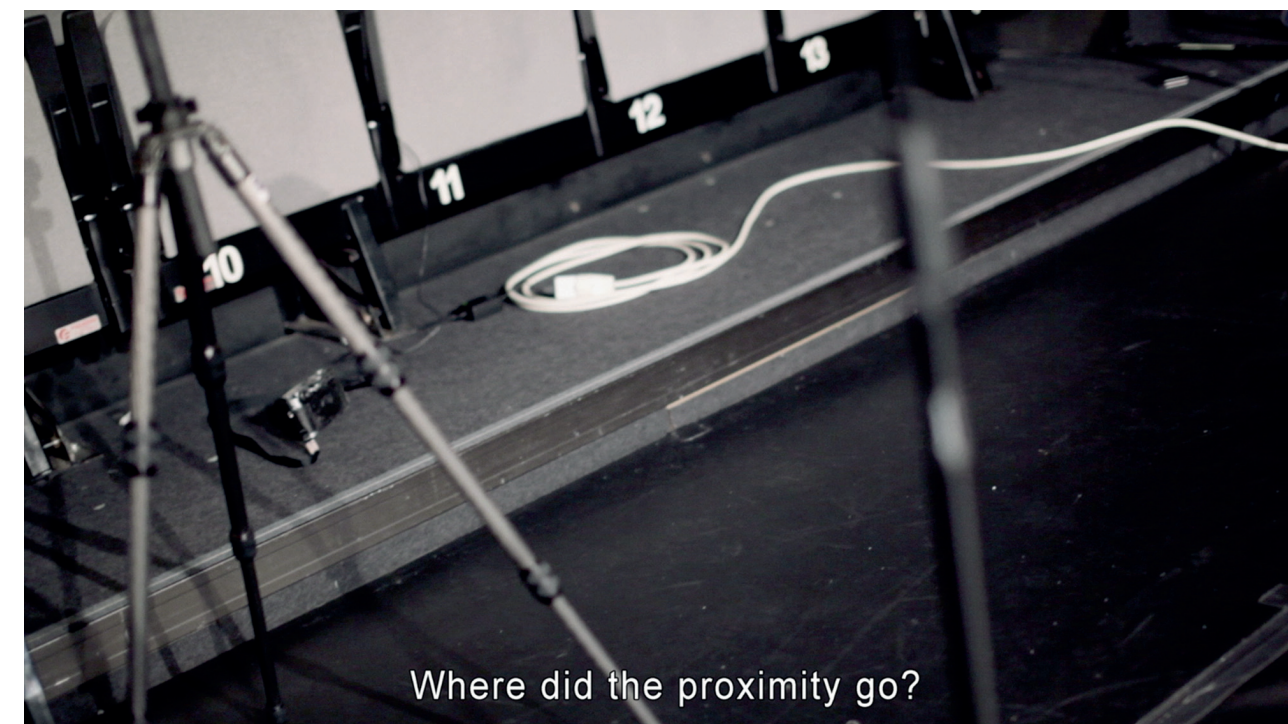
Vista da exposição | Exhibition view



There is a line conducting you.  
It's an underground cable.



You just have to explain the story  
as if you're telling a story on stage.



Where did the proximity go?

# BIOGRAFIA

O trabalho de Aimée Zito Lema (Amesterdão, 1982) incide sobre a memória social e o corpo como agente de resistência. A artista estudou na Universidade Nacional das Artes (UNA), em Buenos Aires, e na Gerrit Rietveld Academie, em Amesterdão, tendo concluído um mestrado em Investigação Artística na Royal Academy of Arts, em Haia.

As suas mais recentes exposições individuais incluem *Imprinted Mater* no Looeirsgracht 60, em Amesterdão (2017), e *A Series of Gestures*, na Kunsthall de Trondheim (2017). O seu trabalho foi integrado em diferentes exposições coletivas, como *Idiorritmias* e *Muestreo #1*, no MACBA, em Barcelona (2017), a 11.ª Bienal de Gwangju (2016), *Dorothea von Stetten Art Award*, no Kunst Museum de Bonn (2016), festival *Hors-Pistes: L'art de la Révolte* no Centre Pompidou, em Paris (2016), *Movimento Contínuo*, no Hangar – Centro de Investigação Artística, em Lisboa (2017), e *Prometheus Unbound*, festival Steirischer Herbst, em Graz (2017).

Foi colaboradora do Casco – Office for Art, Design and Theory, em Utreque (2013-2017), e artista residente na Rijksakademie voor Beeldende Kunsten de Amesterdão (2015-2016), na Castrum Peregrini, em Amesterdão (2017), e ainda na Rua das Gaivotas 6, em Lisboa, no contexto do projeto *4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture*, financiado pelo programa Europa Criativa da União Europeia (2018).

# BIOGRAPHY

Visual artist Aimée Zito Lema (Amsterdam, 1982) engages in her practice with questions around social memory and the body as an agent of resistance. The artist studied at the National University of the Arts (UNA), Buenos Aires, and at the Gerrit Rietveld Academie, Amsterdam, and obtained a Master in Artistic Research from the Royal Academy of Art, The Hague.

Recent solo exhibitions include *Imprinted Mater* at Looeirsgracht 60, Amsterdam (2017) and *A Series of Gestures* at Kunsthall, Trondheim (2017). Group exhibitions include *Idiorritmias* and *Muestreo #1*, both at MACBA, Barcelona (2017), the 11th Gwangju Biennale (2016), *Dorothea von Stetten Art Award*, Kunst Museum Bonn (2016), *Hors-Pistes: L'art de la Révolte* at the Centre Pompidou, Paris (2016), *Movimento Contínuo*, Hangar – Centro de Investigação Artística, Lisboa (2017), and *Prometheus Unbound*, Steirischer Herbst, Graz (2017).

She was artist in residence at the Rijksakademie voor Beeldende Kunsten in Amsterdam (2015-16), a long-term collaborator with Casco – Office for Art, Design and Theory, Utrecht (2013-17) as well as artist in residency at Castrum Peregrini, Amsterdam (2017), and most recently at Rua das Gaivotas, 6, Lisbon, in the frame of the project *4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture*, co-funded by the Creative Europe programme of the European Union (2018).

## PUBLICAÇÃO PUBLICATION

**coordenação** coordination  
Carla Paulino  
Ana Teresa Santos

**texto** text  
Ana Cachola  
Daniela Agostinho  
Luísa Santos

**tradução** translation  
Kennistranslations

**revisão** proofreading  
António Alves Martins

**design gráfico** graphic design  
Dayana Lucas

**fotografia** photography  
Carlos Azevedo

**impressão** printing  
Diário do Porto

**depósito legal** legal depot  
443576/18

**ISBN**  
978-989-8758-52-1

© Fundação Calouste Gulbenkian, julho 2018  
© Calouste Gulbenkian Foundation, July 2018

## LISTA DE OBRAS LIST OF WORKS

**13 Shots, 2018**  
**Vídeo-instalação 3 canais e som, esculturas, fotografias e serigrafias**  
3-channel video and sound installation, sculptures, photography and silkscreens  
**Produzida no âmbito do projeto de cooperação europeia 4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture, cofinanciado pelo programa Europa Criativa da União Europeia**  
Produced in the frame of *4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture* co-funded by the Creative Europe Programme of the European Union

**13 Shots, 2018**  
**Série de serigrafias sobre papel, emolduradas**  
Series of silkscreen prints on paper, framed

**13 Shots, 2018**  
**Vídeo-instalação, cor, som ambiente, projeção em estrutura de metal**  
3-channel video-installation, colour, ambient sound, projection on metal structure

**13 Shots, 2018**  
**Estrutura de metal, lâmpada fluorescente, cabo preto**  
Metal structure, tube light, black cable

**13 Shots, 2018**  
**Cabide de pé de metal, lâmpada fluorescente, cabides, cabo preto, fatos em papel com impressão inkjet**  
Metal clothing hanger, tube light, hangers, black cable, paper costumes made from inkjet prints on paper

**13 Shots, 2018**  
**Seis estruturas de metal na parede, seis impressões inkjet, luzes led**  
Six metal structures on the wall, six inkjet prints on paper, led light



4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture



Co-funded by the Creative Europe Programme of the European Union



CATOLICA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

LISBOA



S A V V Y CONTEMPORARY  
THE LABORATORY OF FORM-IDEAS



Royal College of Art  
Foundation of the United Kingdom

FUNDAÇÃO ANTONTÁPIES



Vilnius Academy of Arts



Museet for Samtidskunst



PSL

AIMÉE ZITO  
LEMA

13 SHOTS